

575  
1-Pl  
M418

S E R M A M  
DA QVINTA DOMINGA  
DA  
Q V A R E S M A

QUE PREGOU NA CAPELLA REAL

O R. P. M. FR. CHRISTOVAM DE FOYOS DA ORDEM DE  
*Santo Agostinho, Consultor do Santo Officio, Examinador das  
Ordens Militares.*

Faculdade de Filosofia  
Ciências e Letras  
Biblioteca Central

T H E M A.

*in dico vobis, quare non creditis mihi? Joann. 8.*

s. I.

**S**E vos digo a verdade, porque me não credes? Diz hoje Christo Jesu verdadeiro Prêgador das verdades, que yxando-se magoadamente da dureza, & rebeldia Judaica; & reprehendo, ou tambem queyxando-se (talvez que com mayor magoa da pouca fé que lhe guardamos os seus fiey.. *Muyto Altos, & muyto poderosos Principes Senhores nossos.* Demaneyra q que temos no Evangelho, & no nosso Thema, húa reprehensam queyxosa, dada pelo Filho de Deos antigamente ao seu ingrato povo, & repetida hoje contra nós, & que nos chamamos seus fiey, não sey se igualmente, ou se mayz ainda ingratos. Assim expuseram as palavras do presente texto, ou assim nolas accômodáram grandes Padres: Origines, Santo Agostinho, S. Gregorio, & outros muytos. Esta reprehensam poys, ou esta queyxa, no sentido, ou na parte que nos toca, ha de ser a materia do Sermam. Do qual quisera eu nos ficasse hoje por fructo, não digo o emendarmonos (que não costume de deixar o que sey q não hey de conseguir) mas ao menos o cõvencermonos. Tão poucas sam as esperanças que dão de melhoramento os habitos humanos depravados, que pôde hũ Prêgador, ainda dos de grande, & diferente espirito, dar-se por muyto satisfeito, se convencer os entendimentos; posto que não emende nada as vontades. Não pretendo Christãos emendar hoje, não pretendo dobrar vossas vontades. Não me vem ao pensamento, nem por imaginação, que hajaõ de poder as minhas palavras divertirvos de vossos divertimentos. O q tãtos Sermoes mayz eloquentes, o que tantos Prêgadores de mayor exêplo não fazem, como po-

A

deria

de a eu promettermo? O que intento unicamete, & o que sò hey de trãttar de  
conseguir he que acabe de renderse hoje o nosso entendimento ás verdades de  
Jesv Christo; & venhamos a entender quanto por nossa culpa, & quanto sem  
nenhuma razam nos obstinamos, & enfurdecemos em nossos mundanos gos-  
tos, em nossos desordenados intentos. O Domingo das Verdades he chamado  
por Antonio nãsta este Domingo. Verdadeiramente que quando naõ fora  
obrigaçãõ nossa prégavos sempre verdades, que atè o titulo do dia cõdenaria  
hoje o calalas. Eu as naõ hey de calar: permitta Deos que as sayba dizer. Mas  
porque o nosso Thema se dirige mais a convencer a rebeldia, q̃ aprovar a ver-  
dade, suppondo como infallivel a verdade do Prégador. *Si veritatem dico*, & in-  
quirindo o porque da inflexibilidade dos ouvintes, *Quare non creditis?* faremos  
por ajustar a este intento o Sermam. Suppondo para isso muytas verdades, que  
nesta Quaresma tendes ouvido aos Prégadores, mays que bem provadas, &  
inquirindo especialmente agora os porques, & as razoens de vossa obstinaçãõ.  
Donde nascerã, que supposto a Dominga tem o titulo *das Verdades* daremos ao  
Sermam outro titulo, sem que por isso se encontrem. Serã o *Sermão dos Porques*.  
E fique advertido daqui o auditorio em tres couzas. A primeyra, que hey de  
emendar hoje a dilaçãõ que aqui fiz os dias atraz, porq̃ naõ hey de exceder  
da minha hora. Mas messam-ma com consciencia. A segunda, que naõ hey hoje  
dia de futilizas, senam de verdades. A cerceyra, que nam esperem ver as po-  
liticas, senaõ só verdades Catholicas. Para as politicas bastelhe todo esse Palacio:  
estes quatro palmos de Pulpito fizeraõ-se para estroutras verdades. Deos, que  
aqui nos ajuntou hoje, a tratar, & ouvir sua doutrina, nos illustre os entendi-  
mentõs, & nos disponha os coraçõens com a sua graça. Roguemos lho assim,  
mediante a intercessãõ da Virgem Santissima. AVE MARIA,

*Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi.*

§. II.

QUE sempre Christo nos diga, & nos ensine verdades, & que o mundo nos  
engane, & nos diga sempre mintiras; nam he nada de admirar. Isso he ser  
mundo, ou ser Christo. Mas que sendo isto assim, & conhecendo o nõs por tã-  
tas experiencias, ainda creamos ao mundo, & naõ creamos a Christo! Grand.  
razãõ de queyxa sua, grande força de cegueyra nossa. E que isto assim seja, que  
grangee em nõs mayor credito o mundo com suas mintiras, que Christo com  
as suas verdades, o nosso thema o suppoem. mas eu o provary. Porque naõ q̃  
a nossa fé, ou a nossa presunçãõ o intente contradizer, que temos que respon-  
der a nossas obras? E se (como Santiago ensina) em naõ havendo obrar bẽ, naõ  
ha fé viva, *Fides sine operibus mortua est*; & em nõs o obrar mal he taõ continuo; bẽ  
se segue (& ainda mal) a justificada razãõ, cõ que hoje se queyxa de nõs nosso  
Deos, applicando-nos por bocca de sua Igreja, o que lá em outro tempo ao po-  
vo infiel: *Quare non creditis mihi?* Porque me naõ credes a mim? Senhor, & naõ  
vos cre quem vos confessa? Nam: que quem obra mal, naõ cre bem.

Quiz

Quiz o Demônio que Heva peccasse; & para o conseguir, tratou de lhe meter na cabeça, que Deos a tinha enganado na prohibição do pomo. *Nequaquam moriemini: scit enim Deus quod in quocumque die comederitis ex eo, aperientur oculi vestri, & eritis sicut Dij.* Heva (diz o Demonio) sabey que Deos enganou vos. Prohibiu vos o pomo, para vos impedir a Divindade. E a que fim, ou para que se empenha tanto o Demonio em persuadir a Heva que Deos a tem enganado, se o seu intento todo se vem sò a resolver em que Heva coma do pomo? Porque para Heva comer do pomo, havia de crer primeyro q̄ Deos a tinha enganado. Como o comer aqui era peccar, entendeu certissimamente o Demonio, que se em Heva naõ faltasse a fé, naõ se havia de deliberar em comer. Verdadeyramente Christãos, que devemos de persuadirnos q̄ Deos que nos traz enganados. Devemos de duvidar se ha Juizo, devemos de presumir que naõ ha Ceo, devemos de imaginar que naõ ha Inferno: finalmente devemos de crer que naõ ha outra vida mays que esta, que naõ ha premio, que naõ ha castigo, que naõ ha balança; & nem sey se cremos que ha morte. Segundo o que obramos, isto deve ser o que cremos. Ao mesmo passo que Heva foy dando ouvidos à tentação do Demonio, foy faltando na fé de Deos. *De fructu verò ligni (dizia ella) quod est in medio paradisi, praecepit nobis Deus nè comederemus, nè forte moriamur.* Do fruyto da arvore esta no meyo do paraiso (diz Heva) mandounos Deos que naõ comessemos, porque talvez, se o comermos, que morramos. *Ne forte moriamur.* Ha tal dizer! Se Deos havia dito, que tanto q̄ comesse daquelle fruyto, havia logo logo de morrer, *In quocumque die comederis morte morieris:* como poem Heva em questãa o haver de morrer, se comesse? Affirma Deos que ha de morrer, comendo, *Morieris;* & Heva diz, que poderá ser! *Nè forte!* Mas quem assim havia de ser temeraria, assim havia de ser infiel. Duvidou primeyro na fé, para saltar depoy ao preceyto: que naõ ha desprezar preceyτος, sem haver tibeças na fé.

Isto assim supposto, & confirmado, naõ negareys já, nem podereys negar a justificada razaõ, com que Christo nosso salvador sahe a quey xarse hoje, a vozes de sua Igreja, naõ só de nossos costumes, & suas offensas; mas muyto principalmente de nossa, ou tibia, ou perdida fé: usando para conosco daquellas mesmas palavras, de que usou ja algũ hora contra a perfidia Judaica. *Si veritatẽ dico vobis (exclama poys a Igreja Catholica, em nome de Christo Jesus) Si veritatem dico quare non creditis mihi? Se vos digo a verdade, se vos ensino o caminho da salvaçõ; & se fóra disto que vos ensino, tudo mays he hũa mera mintira, & hũa continuo engano; Quare non creditis mihi? Porque me naõ credes a mim? Porque continuays em vossos enganos? Porque vos deyxays levar de mentiras? Porque naõ abris os olhos? Porque naõ considerays vossos perigos? Porq̄ vos naõ arrependeys? Porque vos naõ emendays? Porque naõ credes? Quare? A esta pergunta, ou a esta taõ arreoada queyxa de nosso Deos, folgára eu que algũ de vós quizesse hoje responder por mim: ou ao menos, que folleys todos para casa, & que vos pufessey a cuydar na resposta. Mas como esta casta de conceyτος naõ seja couza, que se costume levar para casa, & né algum de vós me haja*

que qui de responder; ficame sendo preciso dar satisfacão á pergunta: posto que a não darey nunca á queyxa.

Primeyramente a multidaõ de culpas, em que cada dia, & cada hora cahimos com tanta facilidade, & que como vos tenho mostrado, argue em nós taõ pouca fé; pôde proceder de hum, ou de muytos principios. E reduzindo a hum numero certo, & principal todos os que se me representaõ pollyveys; acho em boa Theologia, que poderá ser hum de tres. A saber, Ou malicia da nossa vontade: ou ignorancia do nosso entendimento: ou desamparo de Deos. He a nossa vida em quanto neste desterro, hũa peregrina, & difficiltoza jornada, hum caminho escuro & succellivo, que vamos fazêdo todos, ou que todos devemos fazer, deste mundo debayx para aquelle mundo decima. Para que senão erre, ou para que senão impossibilite este caminho, he necessario Deos que alumie; he necessario entendimento, que governe, he necessario vontade, que caminhe. Se Deos não alumia, perde-se a jornada por falta de luz: se o entendimento não governa, perde-se a jornada por falta de guia: se a vontade não caminha, ou se caminha as avessias, perde-se a jornada por falta dos passos. De modo que de qualquer destas tres partes, ou da parte de Deos, ou da parte do entendimento, ou da parte da vontade, se nos pôde occasionar a perdição. Isto assim conhecido & supposto, vamos com o nosso thema por todas estas tres partes, nas quaes se dividirá o Ser nam, buscando, & inquirindo a verdadeyra causa de todos os erros: por ver (quando mays não seja) se podemos achar reposta boa, que sirva de satisfacão ao porque do Evangelho, ou inventar algũa, que nos sirva a nós de desculpa. Porque se nós a temos, que nos valha.

### §. III.

**E** Porque não pareça que favorecemos hoje a causa de Deos com algũa desigualdade, seja Deos o primeyro ouvido, & o primeyro perguntado: & da sua razaõ ou sem razaõ vós mesmos sereys os Juizes. Nem pareça novidade, que o soberano, & Omnipotente Senhor do Universo entre hoje com suas mesmas criaturas em juizo contêcioso: poys ja pelo Profeta Isaias se offereceu & se convidou elle mesmo para semelhante juizo; a fim de que se averiguasse, & resolvesse, se por culpa sua, ou se sò por culpa nossa, acontecia no mundo esta perdição de almas taõ lamentavel, criando-as elle a todas, & assistindolhe com taõ grande amor: *Nunc ergo habitatores Jerusalem, & viri Iuda judicate inter me & vineam meam. Quid est quod debui ultra facere vineæ meæ, & non feci ei?* Homens (diz Deos) de vós mesmos faço juizes. Apontayme algũa cousa necessaria em orde a vossa salvaçõ, em que eu faltasse. Assim o disse Deos por Isaias entaõ, & assim nolo esta dizendo hoje. E ja que elle nos dà licença para inquirirmos de sua razaõ, & julgarmos de sua justiça, vamos lo fazendo assim; & vejamos se de algũa maneyra està por parte de Deos, ou procede de culpa sua, esta inflexibilidade nossa, este mays que escandaloso procedimento humano.

E quanto à primeyra viltã, parece que não deixaõ de descubrirse indícios, de que

que Deos nos não ajuda nem assiste com aquella graça, & auxilios, q̄ he obgado a nos dar. E se illo assim he, como parece, legitima desculpa teremos naquelle ultimo dia de nossa vida, quando viermos a contas, & grande satisfação temos hoje para dar á pergunta do Evangelho. Porque nesta supposiçãõ, responderemos muy bem: Senhor, não fizemos caso de vós, nem de vossa doutrina; não demos credito a vossas verdades, nem obedecemos a vossos preceyros, porque vós nos não alumiastes, & porq̄ vós nos desamparastes. Isto he na supposiçãõ de que Deos nos falta com os auxilios necessarios. E que estes auxilios faltem, parece (como ja dizia) que o podemos provar cõ grandes indicios. Porque se hum homẽ, de mediano entendimento que seja, se puser a considerar nos desconcertos deste mundo, se levantar hum pouco o pensamento, pondo-se como de lugar mays alto, a medir, & notar devagar o que neste mundo vay; eu tenho por couza sem duvida, que se lhe poderã representar muyto facilmente, que Deos se tem descuydado da disposiçãõ, & governo d'elle, como ja pela mesma causa se lhe representou a alguns Filozofos. E senão dizeyme. Por ventura o estado, em que hoje vemos aquasi todos os Estados da Christandade, não nos está dando occasiãõ a presumir, & a recear, que possa proceder de hum desamparo de Deos, & esse grãdissimo? Não vos parece hum grandissimo desamparo de Deos aquelle nenhum temor nem limite, com que vemos hoje ir crece (e que podem crescer) as maldades, os insultos, as abominaçoens, os excessos; o pouco, ou nenhum respeyto ao divino, o estudo & incrível affecto no profano; os enganõs, as traçoens, as perfidias; & mil couzas outras, que eu não posso dizer, nem me convem individuar? Isto tudo, & o mays que isto tudo, que todos vemos, & todos devemos chorar, não vos está lá no juizo causando hũa imaginaçãõ, de que parece que Deos nosso Senhor ha fechado seus olhos a nossas vidas: como deyxando-nos entre as mesmas escuras trevas de nossos peccados, por não ver suas offensas, suas afrontas, & suas injurias?

Diz S. Lucas, que aquelles ministros da maldade, que tinhaõ prezo a Christo em casa do Principe dos Sacerdotes, o começaraõ a afrontar, & injuriar gravemente de obras, & de palavras. *Illudebant ei cadentes*. Diz mays, que lhe taparam os olhos, & lhe foraõ dando de bofetadas. *Et volaverunt eum, & percutiebant faciem eius*. E porque ha Christo de permittir, quando lhe estaõ dando bofetadas, quando o estaõ injuriando, & zombando, que lhe tapem os olhos? Ah fiçys: tudo vé Deos, & nem pòde deyxar de ver tudo. Mas quando as nossas demazias chegaõ aquelle extremo, & limite, em que parece que não só cahimos por fracos, senão que sem pejo nem temor chegamos a zombar do proprio Deos, *illudebant eis*; quando a nossa malicia chega com seus excessos & deslucos a perder todo o respeyto ao rosto de Christo Jesus, & a sua divina presença, *Percutiebant faciem eius*; corre Deos hũ véo a seus olhos, como que senão atrevesse a vernos tão atrevidos, *Et volaverunt eum*. E se o retirar de nós os seus olhos, he hũa demonstraçãõ evidente de nos haver desamparado; como elle mesmo explica pelo Profeta Isaias, *Quum extenderit manus vestras, ego avertam oculos meos a vobis, vé-*

o nós, & considerando bem o excessivo de nossas maldades, porque não entraremos em pensamentos de que Deos nos tem desamparado?

Porém desta doutrina, que em algum sentido he certa, ou pôde ser por nossos peccados, parece que se nos origina hum argumento bem forçoso, em ordẽ a defender a nossa causa. Porque se Deos nos desampara, ou nos tem desamparado, bem parece que não da nossa parte, senão da sua, está a causa total da nossa ruina. E vamos vendo. Pergunto, ou pergunta hoje Christo, Homens, porque peccays? *Quare?* Respondo. Porque Deos nos não assiste cõ seus auxilios (Indo na supposição em que vamos.) Porque não obrays como deveys? *Quare?* Porque Deos nolo não inspira. Porque cahis com tanta repetição, & tal precipicio? *Quare?* Porq̃ Deos nos não tem mão. Porq̃ vos não levantays depòys de cahidos? *Quare?* Porq̃ Deos nos não ajuda. Porq̃ andays tão cegos, & tão perdidos? *Quare?* Porq̃ Deos nos não alumia. Porq̃ correys a vossa perdição com tãta pressa? Porq̃ vos obstinays tão insensiveys? *Quare?* Porq̃ Deos nos desẽpara. Finalmente o desamparo de Deos he todo o porq̃ dos *Porquẽs*, & hũa excellente razão para a nossa descarga: se he q̃ elle he tal, como nos terã parecido atequi.

Christãos, grandissima desgraça fora a nossa, se isto assim fora. Mas não sey se he ainda desgraça mayor, que não sendo nós desamparados de Deos, o pareçamos tanto em nossas obras. E porque he ja tẽpo de acodir pela verdade, & livrar de toda a calumnia a alta & sempre misericordiosa Proviçãõ de nosso Deos, especialmente para conosco, & examinemos bem este ponto; & perceberemos talvez o que Christo nosso Salvador quer que percebamos hoje: que vem a ser o conhecimento de suas verdades, & o desengano de nossos enganos. Vejamos para isso o thema.

*Si veritatem dico, quare non creditis?* Porque não credes (diz Christo) se vos digo a verdade? Se vòla digo por demonstração, expoem o Cardeal Toledo, *Si dico veritatem cum ipsius veritatis demonstratione*: ou como S. Cypriano verteu. *si veritatem palam dico*, Se vos digo a verdade clara. O grande confusão para nós, Catholicos! De maneyra que faz Christo distincção de verdade a verdade: ou de verdade a verdade clara. *Veritatem palam*. E quanto isto seja para ponderar, ide-ovẽdo. Sempre Deos fala verdade: mas de dous modos: verdade clara, & verdade escura. A os Judeos ingratos falou Deos a verdade clara, porque lhe declarou o seu Testamento & os seus preceytos. Assim tambem a nos os Christãos. Senão que com excessõ & ventagem de nossa fortuna, nos falou & nos fala Deos cõ a clareza do meyo dia; que assim chamou o Profeta Isaias a o Testamento Novo. De sorte que aos Hebreos, & ao povo Christão com excessõ a elles, falou Deos a verdade clara. Não assim ás outras gentes. Não assim aos Turcos, não assim aos Gentios, não assim a tanto mundo, quanto está vivendo em trevas; & a quem Deos, posto que lhe diga verdades, lhas está dizendo menos claras, ou mays escuras.

Diz prays no presente texto nosso Deos. *Si veritatem palam dico, quare non creditis mihi?* Que vem a valer o mesmo, que se dissera. Povo meu, a quem principalmente

palmente escolhi, & por quem especialmente desci do Ceo a este mudo: Que os Mouros, que os Turcos, que os Scitas, os Barbaros, os Gentios, se resolveo a me desprezar; que me nao amem, que me offendaõ, que viraõ como quem saõ, desgraça he, & cegueyra sua: porẽm descontentar-se ha ao dar das contas, que nao ouviraõ a verdade clara. Mas vòs! Vòs, que soys criados & doutrina- dos ao bafõ da minha Igreja! Vòs, a quem taõ patentemete entreguey os meus segredos, os meus preceytos, a minha fè, as minhas verdades! *Veritatẽ palam!* Que nao me valesse tanto, para deyxar de me ver taõ offendido! Que nao bastem tantos favores, para vos exprimentar menos ingratos! Mas apartemos mays esta verdade Catholica, para nossa confusaõ; & vejamos o que Deos era obriga- do a nos dar, & o que nos deu.

O que Deos nosso Senhor era obrigado a nos dar (em todo rigor falando) vem a ser o que vos direy. Em primeyro lugar he Deos nosso Senhor obrigado a dar a todos nós, & a qualquer homem, hum sufficiente conhecimento de que ha Deos, & de q̃ ha ley de Deos. Em segundo lugar, he obrigado taõbem a cõ- correr para todos com sufficientes auxilios & inspiraçoens para que se quiserẽ, possaõ satisfazer à sua ley, & veneralo como a Senhor. Eysaqui ao que Deos estã obrigado, & a nada mays. Isto faz ao Turco, ao Mouro, ao Juden, ao Ido- latra, a todos. E a nõs? O, quem me dera agora o espirito que me falta! porque se me representa se o tivera, que vos havia de confundir. Ide porẽm ouvindo com attençaõ: & baste a força da verdade, & a graveza da materia, para que fi- quem supridos os defeytos do Prégador.

De maneyra que sendo Deos sòmente obrigado a nos assistir, & a se nos dar a conhecer da sorte que vos expliquey; podendo (sem nos fazer injustiça) dei- xarnos lâ nascer na Turquia, nos interiores da Asia, na barbaria da Affrica, ou da America; podendo (licitamente) dispor que nos criassemos & doutrinassemos entre mil tontisses de Rabinos, entre seytas venenosas de Herejes, bebendo cõ o leyte entranhado na alma a affeicaõ a seus erros, difficultosa por esta causa de se vir algum hora a perder; podẽdo (digo) ordenar a soberana providẽcia, sem nisso nos fazer agravo ou semrazaõ que fosse o nosso nascimento, a nossa cria- çãõ, & os nossos auxilios, assim como saõ os auxilios, a criaçaõ, & o nascimẽ- to de tantos; foy tal, & taõ liberalmente abundante para conosco a sua mi- sericordia, que nos poz em Portugal. Em Portugal onde a Verdade Catholica, & o espelho puro da fè desde que se conheceu atequi, nao admittiu o menor argueyro. Em Portugal; onde sempre foy a virtude o mayor tinbre do valor, & o melhor brazaõ da Nobreza. Em Portugal; onde (quando Deos queria) e- raõ tantas as casas de exemplo, como agora as de prazer. Em Portugal; onde com admiraçaõ da modestia, mal se achava differença (mas por diverso modo d'agora) entre o Ecclesiastico & o Secular, entre o religioso & o profano. Em Portugal; donde os Estrangeiros levavam sempre para suas patrias, nao tantas drogas como hoje, mas melhores exemplos que agora: empenhando-se mays os nossos Mayores nas materias da admiraçaõ, que nas conveniencias de tra- to.

o. Em Portugal finalmente; onde além de tantos documentos passados, que podem ser auxilios ehi facilissimos para agora, temos ainda hoje, ou hoje mais que em nenhum tempo, tantos & tão continuos os Mestres, os Doutores, os Pregadores, os Sacerdotes, as clausuras, os Divinos officios, as ceremonias, os sacrificios, os Sacramentos; & tudo o mais que pertence assim ao conhecimento, & veneração do verdadeiro Deos, como ao nosso remedio com tanta felicidade & frequencia, que podem ter que nos invejar, não digo ja os Reynos infieys, mas ainda os mais Catholicos,

Isto assim considerado & conhecido, como verdade tam patente, vede vds agora, & dizeyme, se temos ou podemos ter açam de queyxa. E acabareys de alcançar a razam tam justificada, cõ que a infinita paciencia de nosso bõ Deos como vencida ja de nossas ingraticoes, sabe hoje com a nossa obstinaçam a perguntas; pedindo nos (se nam por esperar de nós emenda, por justificar se a si) a razão, ou a causa que temos, para lhe fugir, & desprezalo. *Quare non creditis mihi?* Dayme cã homens a razam, porque vos resolveys em deyxarme; ou porque fiays mais do mundo, que de mi n. *Quid invenerunt patres vestri in me iniquitatis, quia elongaverunt à me.* Que maldade, que disfavor, que sem razam acharam ena mim os vossos antepassados, ou vós outros algum hora, para assim me ver deyxado? Se vos ensino a verdade *si veritatem dico vobis*; se a vds a communiçam taõ declarada, *veritatem palam*; se vola tenho provado com tantos finaes; se vola estou persuadindo com tantos auxilios; & se faço da minha parte, não só o a que estou obrigado, mas tanto mais do que devo: porque vos hey de ver tam perdidos, & tão perdido o que custastes? *Quare?* Porque? Se achays em vossa consciencia, que vos estou a dever alguma couza, recenseemos as cõtas? *Quid ultra debui facere?* Que couza he essa, que vos devia fazer, & não fiz? Mas ah meu Deos: & quem poderá acusar vosso procedimẽto justissimo, ou descobrir o menor defeyto em vossas misericordias? Nossa, Senhor, he a culpa toda, nossa he a malicia, nossos sãõ os defeytos, nossas sãõ somente as faltas. Assim o cremos: assim o confessamos, se esta confissão he bastante, para se saber de certo a verdadeyra causa de nossos delittos; nam nos pergunteys Senhor maes porques. Porque somos ingratos, & porque somos perversos, eysahi o porque peccamos. Mas porque a queyxa hoje de Christo, & o porque do Evangelho mostra estarnos pedindo outra mais individual, & mais determinada resposta, vamos proseguindo, & busca do. a.

#### §. IV.

**T**emos visto, que não està da parte de Deos a causa de nossos peccados por nenhum titulo. Onde consequentemente se segue, q ou na nossa vontade, ou no nosso entendimento (como ao principio explicamos) ou em ambos juntamente ha de cahir a culpa toda. E quanto ao que se representa, parece ser o nosso entendimento o culpado principal. Vejamos o thema. *Si veritatem dico, quare non creditis?* Se vos digo verdade (diz Christo) porque não credes? De maneira que nos dá em culpa o Senhor a falta ou defeyto da fé, que pertence ao enten-



entendimento; fazendo-nos juntamente cargo de nos dizer a verdade, que objecto do entendimento tambem, & só lhe toca. Donde parece que se pôde inferir, que não da nossa vontade, mas do nosso entendimento se nos origina o danno todo. Assim parece: & ao menos em grande parte, assim he. Porque se hũ homem entrara em si, se começara a abrir os olhos, & se tivera ou soubera ter juizo para medir bem & ponderar os cotidianos perigos de sua vida, os enredos de sua consciencia, as contingencias da salvaçam, a infallibilidade do castigo: se tivera em tantos annos hũa só hora q fosse, de verdadeyro & efficaz conhecimento de si, & de suas acçoens; he sem duvida, que logo em sua vida se haviam de enxergar as mudanças. Os exemplos sam aqui a melhor prova. E sejam de Principes, que sam os mays efficazes.

Peccou Cahim, Principe morgado do mundo, tirando a vida a seu irman mays moço Abel. Peccou David Principe de Israel, tirando tambem a vida a seu muyto leal vassalo Urias; & com circumstancias, que afeam gravemente o delitto. Nam quero comparar o peccado de hum com o peccado do outro: mas o que he certo, que ambos foram homicidios, ambos gravissimos, & dos mays escaandalosos que ha visto o mundo. He poys muyto digno de reparo, & ainda de admiraçam o diversissimo fim destes Principes. David emádado, Cahim obstinado: David penitete, Cahim fugitivo: David perdoado, Cahim amaldiçoado: David santo, Cahim prescito: David no Ceo, Cahim no Inferno. Valha-me. Deos E donde a David a emenda, donde a obstinaçam a Cahim. Donde a David a ventura, donde a Cahim a mofina? Eu o direy. David cahiu como homem mas soube considerar como homem. Cahim pelo contrario. Cahim cahiu como bruto, & ouvele depoyes como bruto. O cahir (absolutamete falando) he dos homens, porque somos terra: o nam considerar a queda, né antes né depoyes de dada, he de brutos que não tem juizo. Vede agora a Cahim em tudo bruto; & vede a David em tudo homem. Cahe David: mas como homem por hũa inconsideraçam casual: *Accidit ut surgeret David, viditque mulierem*. Vede-o porrem logo considerando na queda como homem: *Peccatum meum contra me est semper*. Tenho sempre de frente de mim o meu peccado (dizia David): sempre o trago diante dos olhos. *Contra me*. E tanto nos olhos o trouxe sempre, que ja mays em quanto viveu, se lhe enxugaram os olhos. *Lacrymas meis stratum meum rigabam: Potum meum cum fletu miscebam*. Eysaqui David, como homem, peccador; & Eysaqui David peccador, mas como homem racional. Porque se se perturbou, se errou, foy hum acaso; *Accidit*: E para considerar & remediar esse acaso; achou que era necessario hum sempre; *Contra me est semper*. A queda foy hu repente as lagrimas; & a consideraçam toda a vida. Pelo contrario Cahim. Cahiu & nam considerou. Bruto no que fez, mays bruto no que deyxou de fazer bruto d' antes, & pior que bruto depoyes.

Quando Cahim andava na tentaçõ, disse lhe Deos desta sorte. *Cum concidit facies tua?* E depoyes da execuçõ, depoyes de tirar a vida a Abel, perguntandolhe Deos por elle, *Ubi est Abel frater tuus?* respondeu Cahim, que nam sabia; *Nescio*.

emõs aqui em Cahim huma cõuzã que notar, & outra em Deos. Em Deos, o dizer a Cahim, que o rosto lhe tinha cahido, *Concidit facies tua*; modo de falar tam exquisito. Em Cahim, o dizer a Deos, que nam sabia de seu inimam *Nescio?* tendolhe tirado a vida na quella hora. Mas vede aqui a Cahim em tudo bruto; & alcançareys a causa de sua obstinaçã, & das vossas. Tam bruto em seus intentos, antes da execuçã, que aos olhos de Deos nem feyçoens tinha ja de homem: *Concidit facies tua*. E tam bruto em sua obstinaçã, depõys de executada a maldade, que elle proprio confessou de si a bruteza: *Nescio*: Estou necio. Ah necio! Mas necio, & como bruto te relolveste, necio, & como bruto executaste; mays que necio, & mays que bruto te obstinaste: como bruto, & como necio te condemnarã, *Vagus & porfugus eris*; como bruto, & como fera te julgarã: *Omnis qui viderit me, accidet me*. Perdeu-se Cahim, ó fiays, assim como se perdem sepre os perdidos: por necio: *Nescio*. A nossa ignorãcia he a nossa perdiçã.

Mas naõ deyxemos ainda a Cahim, poys Deos ainda o naõ deyxã. Vê Deos a barbara insolencia de Cahim; & doendolhe altamente, naõ tanto a morte do innocente, quanto a desgraça do culpado (que sempre os Cahins saõ mays para ser chorados, que os Abeys;) desce do Ceo, por ver se com sua misericordia, ou senaõ, com sua justiça pòde dar juizo a Cahim; diz-lhe assim. *Quid fecisti?* Cahim, que fizeste? E poys Senhor, nam sabeys vós muyto bem o que tem feyto Cahim? E como sabe! Poys se Deos sabe, por que pergunta? Pergunta Deos, para que Cahim se lembre, para que conheça & considere Cahim. Com seu pay delle havia Deos usado o mesmo: *Ubi es Adam?* Onde estã Adam? Parecem perguntas, & sã advertencias. Adam entendeu a advertencia, & reduziu-se. Remedios advertido o que tinha estragado ignorante. Cahim nẽ advertido advertiu, nam amoestado abriu os olhos: ignorante peccando, ignorante de antes, ignorante depõys, ignorante se apre: & là vay.

Daqui se colhem duas verdades, ambas certas, ambas infalliveys. A primeyã he, que quem tem a alma de Cahim, pecca, & nam cuyda nisso. A segunda he, que se cuydãra, nam se perdẽra. O, & quam certo isto he! Sabeys Christãos, porque peccamos tam continuadamente, & com tanto desafogo? Porque naõ cuydamos, Sabeys porque depõys de cahidos nos nam erguemos? Sabeys porque vamos andando com tanto socego & paz de alma direytos ao precipicio ultimo? Porq̃ naõ cuydamos. O delcuydos, & ò cuidados! E vendo hoje nosso Deos q̃ de nossas incõsideraçõs nascẽ os nossos desatinos; vẽdo q̃ de naõ abrimos os olhos para pellar suas offensas, procedẽ as suas offensas: & vẽdo ultimamente, que para nos podermos remediar & salvar, nos deu juizo bastante, nos deu dittames, nos deu razã, nos deu conhecimento, nos deu se, nos deu preceytos nos deu caminho, nos deu luz, & nos deu o sangue; Que mays quereys? nos diz hoje. *Quare non creditis mihi?* Que razã tendes homens, para me deyxar.

**D**O que está ditto se infere, ou parece inferirse, que o nosso entendimen-  
to he o unico culpado em nossas desordens: & consequentemente, que te-  
mos achado reposta ao *porque* do Evangelho. Peccamos, porque nam sabemos;  
ou porque nam sabemos saber! Mas nam he ainda isto. Nam peccamos Chris-  
taõs, por nam sabermos saber: peccamos, porque nam queremos saber.  
Isto he. A nossa vontade he a causa, ou a causadora da perdiçam; & de quem  
principalméte se queyxa hoje, & vivirá queyxofo sempre nosso Deos. Do nos-  
so mesmo thema se colhe. Porque aquelle. *Non creditis* val o mesmo que *Non vultis*  
*credere*, Nam quereys crer. E assim o verteu Santo Isidoro. E he o sentido pro-  
prio & expresso: porque contra as vontades dos Judeos, & nellas contra as de  
todos os homens (como diz Origenes) arguia & argumentava hoje Christo o  
Mostra-se isto com evidencia no mesmo capitulo oytavo de S. Joã, que he o  
nosso Evangelho: onde o Senhor diz assim. *Quare loquelam meam non cognoscitis?*  
Porque nam conheceys as minhas palavras? E acresceta logo, como mostrãdo  
a causa do desconhecimento & ignorancia dos Judeos: *Vos ex patre Diabolo estis,*  
*& desideria patris vestri vultis facere.* Vds soys filhos do Diabo, & querey s só o  
que elle quer. Demaneyra que ainda o crer, o conhecer, o entender, & es de-  
maes operaçoens, que de sua natureza são proprias do entendimento, não as  
regula, não as domina tanto o mesmo entendimento, como as domina & re-  
gula o senhorio da nossa vontade. Não vem a ser o nosso entender, & o nosso  
não entender, mais que o nosso querer, ou o nosso não querer: *Vultis Non vul-*  
*tis. Vultis facere: Non vultis credere.* Desorte que entendemos o que queremos, &  
como queremos; & o que não queremos, nunca o entendemos: não ha enten-  
der sem querer; ou querer, que não leve logo apoz si o entender. Antes de vos  
mostrar os meus textos, vamos aos vossos.

Os Conselhos & os Tribunaes ja sabeys que se instituíram, para que nel-  
les se decretasse o que fosse mayr acertado, & como tal julgado, ou pela intel-  
ligencia dos textos na Relação; ou pelo entendimento dos Conselheyros no  
Ultramarino v.g, ou no de Guerra. Daqui vem, que não dizemos, nem de-  
vemos dizer, Foy vontade de tal Desembargador, que se enforcasse o ladão;  
ou Foy gosto de tal Conselheyro, que se tratasse da restauração da India (po-  
nho isto por exemplo:) senão, Foy voto de tal Desembargador, que o ladão  
devia ser enforcado; Foy parecer de tal Conselheyro, que a India se devia res-  
taurar. Demaneyra que não explicaremos bem as determinaçoens dos Con-  
selhos, ou Tribunaes, se lhe dermos nome de arbitrios: porque ali não obra (que-  
ro dizer) deve não obrar a vontade. Explicarnos hemos bem, & assim de fac-  
to nos explicamos, dandolhe nome de votos: porque votar he entender, ou  
he dizer o que se entende. Ora bem, Supponhamonos agora: Conselhey-  
ros? He muyto. Nam nos mettamos nisso. Desembargadores: tambem nam.  
Podem-se picar, ou darse por picados muy facilmente. Não. Os Ecclesiasti-  
cos somos mayr soffridos: & não quero que digaes, que me lanso de fóra. Sup-

ponham nōs frades, ou clerigos: frades em Capitulo, ou clerigo em Cabido. Isto he touza supposta, seja o Cabido là de fóra do Reyno. Votemos. Primeyramente, Eu voto no meu parcial. Tá, que... Naõ ha que tratar: Voto no meu parcial. E vōs lá no Cabido onde agora vos constituhi, em quem votays? Eu o direy sem que mo digaõ. Vōs votays no vosso parente: aquelle vota no seu Capellaõ: este no seu pajem: aquelle no que lhe deu: aquelloutro no que espera que lhe ha de dar: & sic de ceteris. E temos votado todos. E qu'he do juizo? (da consciencia naõ trattemos nōs, que dislo naõ se trata.) Mas que he o que fez aqui nestas eleyçoens o miseravel, o pobre do entendimento desgraçado; que melhor lhe fora nam ter nascido? (como lá disse Christo de Judas, por vender huma só vez a verdade.) Entendeu por ventura, que está bem dado aquelle officio, aquella dignidade, aquella Igreja? Entendeu, que estão bem desparadas aquellas ovelhas, & bem proporcionado aquelle pastor? Sim: porque ainda que o meu amigo, ou o meu criado naõ presta, eu quero que elle que tenha: & como quero que tenha, logo me parece que presta. He universalmente certa esta doutrina: entendermos o que queremos, ainda que o nam haja no mundo: nam entendermos o que nam qneremos, ainda que esteja mays claro que o Sol. Provamos a primeyra parte com exemplo, provemos agora esta segunda com o texto: & seja hum lugar achado mas com ponderaçãõ exquisita.

Conversavaõ os Discipulos hum dia em Galilea (diz S. Mattheus;) & disse o Senhor estas palavras. Discipulos meus, o Filho do homem ha de ser entregue nas maõs dos homens: & os homens haõ de mata-lo: & elle ha de resurgir ao terceyro dia. *Conversantibus autem illis in Galilea, dixit illis Iesus: Filius hominis tradendus est in manus hominum: & occidetur eum; & tertia die resurget.* E acrescenta logo o Evangelista, que os Discipulos se entristeceram com vehemência, & *contristati sunt vehementer.* E naõ diz mays. Vay S. Lucas no capitulo 9. contando o mesmo successo; & diz que nenhum dos Discipulos entendera o que o Senhor lhe dizia, nem por sombras. *At illi ignorabant verbum istud, & erat velatum ante eos, ut non sentirent illud.* Dificulto assim. Nam diz S. Mattheus, que todos os Discipulos se entristeceram gravissimamente de ouvir semelhantes palavras a Christo? Como logo diz S. Lucas, que nenhum delles as entendeu? Ninguẽ sente o que naõ conhece, como tambem naõ pòde deyxar de conhecer o que sente, poys que o sente. Se poys sentiaõ tanto os Discipulos, *Contristati sunt vehementer;* como diz o Evangelista, que naõ conheciaõ nada? *Ignorabant verbum istud:* Mas ò que o naõ entenderaõ, pela mesma razaõ que o sentiaõ. O que naõ he do nosso gosto, se chegou de algum modo a entendenderse, he como se naõ se entendera. *Contristati sunt vehementer. Ignorabant verbum istud.* Sabeyz por onde isto \* se menea? Por \* aqui.

\* Cabeça  
\* Cora-  
gãõ

*Ahuc multa habeo vobis dicere... Quum venerit ille Spiritus veritatis, docebit vos omnem veritatem,* disse Christo despedindo-se de seus Discipulos. Discipulos meus, muy to tinha ainda que dizervos; mas o Espiito Santo, que ha de vir, vos ensinará

narà toda a verdade. E porquẽ ha de reservar Christo pãrã a vinda do Espirito Santo o muyto que tem que dizer a seus Discipulos? E difficulto assim. O que Christo aqui reserva, he ensinar. Ihe verdades: *Docebit vos omnem veritatem.* Poys se a verdade, pela razaõ de verdade, he objecto do entendimento; & pela razaõ de ensinada, sò ao entendimento pertence; parece que tocava o dizelas, naõ tãto ao Espirito Santo, q̃ he Amor, quanto ao mesmo Christo, que he Verbo. O Amor ensina muyto embora a amar: o Verbo, a sabedoria ha de ensinar a entender. O Amor affeyçoe os coraçõs, dobre as vôtades: mas reduzir entendimentos, que tem que fazer com o Amor? Poys logo, porque ha de cõmetter Christo à Pessoa do Espirito-Santo, o que tanto lhe pertence a si? Eu volo direy. Porque viu Christo a nossa condiçãõ, & quiz lograr o seu fim. Quiz ensinar-nos & persuadirnos bem as verdades de sua doutrina, viu que o nosso entendimento sò o que he nosso gosto aprende bem: que faz? Tratta de affeyçoarnos o gosto, por meyo do Espirito Santo, para que assim com effeyto aprendesemos sua doutrina. O Divino Espirito tem por especialidade sua falarnos às nossas vontades, & naõ sò isso ( diz S. Basilio ) mas escrever nos nossos coraçõs: *Inscribit autem nobis spiritus-Sanctus non in tabulis lapideis sed tabulis cordis nostri carnis.* Desorte que tem virtude especial aquelle Divino Espirito, para imprimir tudo o que quer em nossos mesmos carnaes & mundanos coraçõs, *In tabulis cordis nostri carnis.* Eysahi poys a razaõ, porque Christo fiou mays do Espirito-Santo a persuazaõ de suas verdades, do que a fiou de si. O entendimento dos homens ( diz Christo ) naõ se move senãõ pela vontade: poys falelhe o Espirito Santo á vontade, para que eu assim lhe renda o entendimento.

Oh, & quanto à custa de sua opiniaõ, com quanto dispendio de seu credito, & de sua honra, experimentou o Filho de Deos no dia de hoje a cegueyra do humano entendimento pela malicia da vontade humana! Foy hoje o primeiro dia, em que prevalecendo o odio & a inveja contra a Divina Verdade humanada, largou a dissimulaçãõ Farizaica o véo de seus coraçõs peçonhêtos; atrevendo-se a descompor & afrontar publicamente a Sagrada innocencia de nosso Redemptor, com opprobrios & calumnias quaes nenhum malfeytor ouvia jamais. Ah meu Deos! E se contra vossa honra teve linguas a inveja, se contra vossa innocencia teve a malicia forças, & a falsidade artificios, que innocencia, ou que honra poderã viver neste mundo? Huns lhe chamavaõ embusteyro, outros o appellidavaõ enganador: este o blasphemava de feyticeyro, aquelle de Samari tano, de falso, de endemoninhado. Homens, & isto vos diz o juizo? Isso vos persuade o que vedes? Quem lanfa fõra Demonios, pôde ser endemoninhado? Quem resuscita mortos, he feyticeyro? Quem prêga penitencias, & faz o que prêga, he enganador? Dizvos isso, ou pode volo dizer o juizo? Sime porque lho dittava assim a vontade. Eraõ os dittames, como os affectos: porque quaes sam os nossos affectos, taes sam os nossos dittames.

De toda esta doutrina vimos finalmente a concluir & a convencer a causa toda & o total principio de nossa perdiçãõ & ruina. E isto supposto, se a vossa

queyxá, meu Deos, fica sem satisfação; ao menos a vossa pergunta ja não ficará sem resposta. Porque razão vos offendiamos, porque causa vos desprezavamos, foy hoje a vossa pergunta: já está conhecida & convencida a verdade. E para resposta baste. Porém meu Deos, se para confusão da minha alma & de meus a-trevimentos, me mandays may's expresamente responder, Senhor, ainda que tremendo, respondo. Offendo-vos, porque quero; porque he meu gosto. Nam vos obedeço, porque não he meu gosto, nem quero. E ey fahi Christãos, a triste resposta: mas a unica que temos.

§. VI.

**E** Poys isto assim he, Senhor, que nos resta may's que confessar de plano, que estamos reos sem defensão, esperando vossa misericordia com temeridade, & dezañado vossa justiça com o merecimento. Confessamos que nos não faltastes, nem nos faltays com superabundantes beneficios, com excellivos favores, auxilios & inspiraçoens com ajudas, com esperas, com a dissimulação, cõ o soffrimento Confessamos que da vossa parte o tendes feyto com noíco, como bom pay de piedade, & may's que pay; ja ensinando com a brandura, ja reprimindo com a severidade; ja estendendo a mão para o castigo, ja tornando a recoihela por comiseração, ja excitando-nos para que acordemos, ja ferindo-nos porque não acordamos: buscando-nos offendido; & tornando-nos a conquistar, depoy's de mil vezes deyxado. Confessamos que sem embargo de tudo isto, & como se o não conheceramos, nem vos conheceramos, vamos seguindo por nosso gosto os descaminhos de nossa perdição, contra nós mesmos & cõtra vós obstinados. Confessamos que só a immensidade de vossa misericordia nos pudera ter soffrido & supportado tãtas desordens. Tudo isto confessamos, tudo isto conhecemos, tudo isto vemos: & nada disto nos muda, nada disto nos emenda, nada disto nos aproveytou ategora; & aindamal que nada disto nos melhorará daqui pordiante.

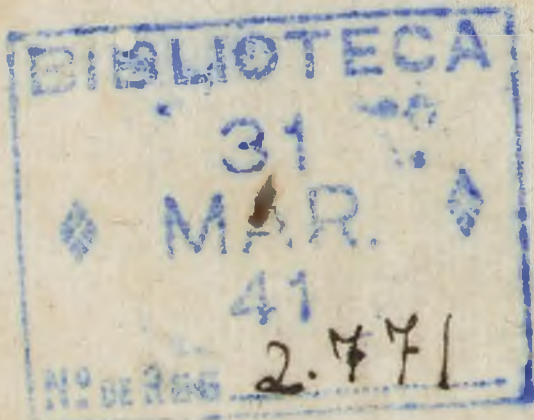
Por isso eu dizia no principio, que convenceria facilmente hoje os vossos entendimentos; porque entender & assentir a verdades tam demonstrativas, tam claras, he cousa muy facil: mas que não havia de convencer as vossas vontades; porque desvialas de seus descaminhos, he muyto difficil. E ainda digo may's. (O dia he de dizer verdades.) Presumo & digo, que se aqui neste lugar, onde eu estou tam indignaméte, estivera agora S. Paulo, ou Santo Agostinho, cada hum delles com o seu exemplo, com as suas virtudes, com o seu espirito; & com a sua ciencia; que tanto fruyto fizera em nós tudo isto, como eu farey com a minha rudeza; & com os meus defeytos. S. Paulo havia de prégar, como elle diz que se pregue, & como sempre prégo. Havia de prégar largo, porque era copioso & efficaz; & a efficacia depende de disposiçam larga: havia de prégar verdades, sem affectaçam nem circumloquios: havia de curar may's do fruyto, & menos das flores. Eys ja S. Paulo sem fruyto, porque sem ouvintes. Venha S. Agostinho. Santo Agostinho havia tambem de prégar do modo que  
sempre

sempre prégou. E se elle quando prégava, sendo em tempos tanto menos de-  
pravados, entendia ja então o pouco fruyto, que os seus Sermoens faziaõ; poys  
disso se queyxa varias vezes, & mays principalmente na sua Cidade de Deos;  
que fruyto vos parece que poderiãmos esperar de seus Sermoens, se elle agora  
prégara nesta idade nossa? Poys Padre (dizeys,) baldados logo & desnecessarios  
são os Sermoens. Respondo. Não vi coula mays usada, nem mays escusada nes-  
tes tempos; se attentarmos tõ mente ao fruyto das almas: que he o intento pri-  
meyro & principal da Igreja. Porém se attentarmos outro fim, não menos  
urgente, necessarissimos sam os Sermoens (Os que o sam.) E que fim? Não se y  
se folgareys de ouvir. Dous fins teve o Espirito-Santo, para instituir Sermoens  
na synagoga, & na Igreja. O primeyro fim foy a emenda & reduçãõ dos máos;  
o legundo fim, a justificaçãõ de Deos; para ficar em tudo & por tudo justifica-  
do. Haja Sermão, & haja doutrina (diz Deos:) em primeyro lugar, para que  
ouçam, & se emendem: em legundo lugar, para que senão se emendarem, nam  
possão allegar que não ouvirão. Tão justificada como isto quero a minha justi-  
ça até o cabo. Assim expressamente meu grande Padre. *Salus quibusdam ad præ-  
mium, quibusdam ad iudicium predicatur.* Aos que se aproveytarem, serve he o Ser-  
mão para o premio: aos que se obstinarem, serve he o Sermão para o Juizo. O,  
abramos o nosso juizo hoje, que chega aquelle Juizo á manhãa. Vejamos, q  
se das verdades Cathólicas, que temos aqui ouvido, nos não aproveytarmos,  
Christãos, para a emenda, que he o primeyro fim do Sermão; Chulto Jesus  
nosso Deos, & rectissimo Juiz, se ha de aproveytar dellas para a sentença, que  
he o legundo fim dos Sermoens.

Este legundo fim foy hoje o que nosso Redemptor conseguiu, prégando suas  
divinas Verdades ao povo Judaico. Porque perguntandolhe pela razão de seus  
erros, *Quare non creditis mihi:* depòys de lhe haver ensinado & cõfirmado a ver-  
dade, *si veritatem dico vobis;* ainda que não emendou o peccado, convenceu a ma-  
licia. E vendo & sabendo muyto bem, que de sua prègação não havia de resul-  
tar fruyto algum, antes novas & repetidas offensas suas; prégou com tudo, pa-  
ra justificaçãõ (a seu tempo) de sua vingança. Oh Senhor: & que grande pavor  
me causa a consideraçãõ deste ponto! Já que esta doutrina vossa não ha hoje de  
fazer fruyto, Senhor não sirva de aumentar o castig. Já que este Sermão ha  
de ser como senam fora, para os arrependimentos; seja tambem como senam  
fora, para as contas. Já que nós o havemos por nullo para a emenda, havey-o  
vòs tambem por invalido para a justiça. Eu meu Deos o hey por nam prèga-  
do: nós o havemos todos por nam ouvido. A vossa misericordia Senhor, re-  
remos unicamente, entre a confusãõ de nossas culpas; & postrados com roda  
a mayor summissãõ diante vossa tremenda magestade, pedimos misericordioso.  
Pay useis de vossa compayxãõ com a nossa miseria: poys para o fazerdes  
assim, he mayor o vosso amor, que o nosso peccado; mayor a vossa bondade, q  
toda nossa malicia. Digam no Senhor estes lutos, com que a Igreja-Esposa vos-  
sa começa hoje a sentir vossa payxãõ. Para nos despertar a lembrança, sam ho-

je estes sinaes: sejam tambem estes sinaes, para que vós tambem vos lébreys.  
 Lembrayvos meu Deos de vós: lembrayvos daquelle amor, que vos obrigou  
 a morrer: lembrayvos de tanto sangue, que para nos remediar & salvar despen-  
 destes a tanto culto: lembrayvos daquelles torméto excellivos, que pagaram  
 o nosso resgate: lembrayvos de vossa misericordia, q he mayor que os nossos  
 delittos: lembrayvos. E porque vos nam lembrareys? *Cur Domine irascitur furor  
 tuus contra populum tuum, quem eduxisti de terra Aegypti in fortitudine magna, & in ma-  
 nu robusta?* Porque razaõ (tambem meu Deos, vos hey de perguntar hum por-  
 que) Porq razam se ha de irar vossa justiça contra hum povo, por tantos titu-  
 los vosso? *Contra populum tuum?* Contra o vosso povo, que remistes, *Quem eduxisti  
 de terra Aegypti:* que remistes com tanto amor, que remistes a tanto preço? *In  
 fortitudine magna, & in manu robusta?* Oh Senhor, perdoay, perdoay ao vosso po-  
 vo: *Parce Domine, parce populo tuo.* Perdoay nossas ignorancias, & parecerá ma-  
 yor o vosso amor: perdoay nossas ingraticidões; & parecerá mayor a vossa  
 bondade: perdoay nossa obstinaçã, & parecerá mayor vosso sof-  
 frimento: perdoay tantos excessos, & ficará mays acre-  
 ditada a vossa graça: perdoay finalmente tudo, ja que  
 vos aggravâmos em tudo, & será mays en-  
 grandecida a vossa gloria. *Ad quam nos per-  
 ducat Dominus Omnipotens.*

## LAUS DEO.



Faculdade de Filosofia  
 Ciências e Letras  
 Biblioteca Central